



PREFEITURA DE

CAMPOS

SECRETARIA MUNICIPAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA

 **Mais
Ciência**

Inventário do patrimônio industrial do açúcar

Orientador(a): Maria Catharina Reis Queiroz Prata

Bolsista: Maria Glória de Almeida Soares

INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE

2020



APRESENTAÇÃO

Este é um trabalho desenvolvido pelo programa Viva Ciência, da prefeitura de Campos dos Goytacazes, em parceria com o Instituto Federal Fluminense - Campus Campos Centro. Esta primeira edição foi produzida no período de agosto de 2019 a novembro de 2020 e compreende um conjunto de 6 usinas documentadas.

Foi um projeto desenvolvido em equipe, formada por estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo do IFF, juntamente com a professora orientadora, Maria Catharina Reis Queiroz Prata. Os nomes que compõe este trabalho: Bianca Gomes Moço Araujo, Maria Angélica Oliveira Vellasco, Maria Glória de Almeida Saores e Victor Tannus Fonseca.

Nos propomos aqui a identificar os bens industriais de Campos dos Goytacazes a partir de critérios pré-estabelecidos, tais como o que a equipe denominou de “Região Central de Campos”, conglomerando o centro urbano propriamente dito e trechos de outros distritos que lhe são adjacentes, sobre as quais poderá valer uma forma de proteção do poder público. Em vista disso, imaginamos que o conjunto de bens inventariados poderão se vestir de novos significados com possibilidades de reapropriação e inserção na dinâmica cultural da cidade. Além disso, acreditamos que o próprio inventário já é uma forma de preservar o patrimônio arquitetônico industrial da cidade, tão marcada pelo período canavieiro.

Esperamos que o inventário contribua, não só para o conhecimento da arquitetura industrial da região e a sua reinvenção, mas também para o enriquecimento de outros trabalhos que virão.

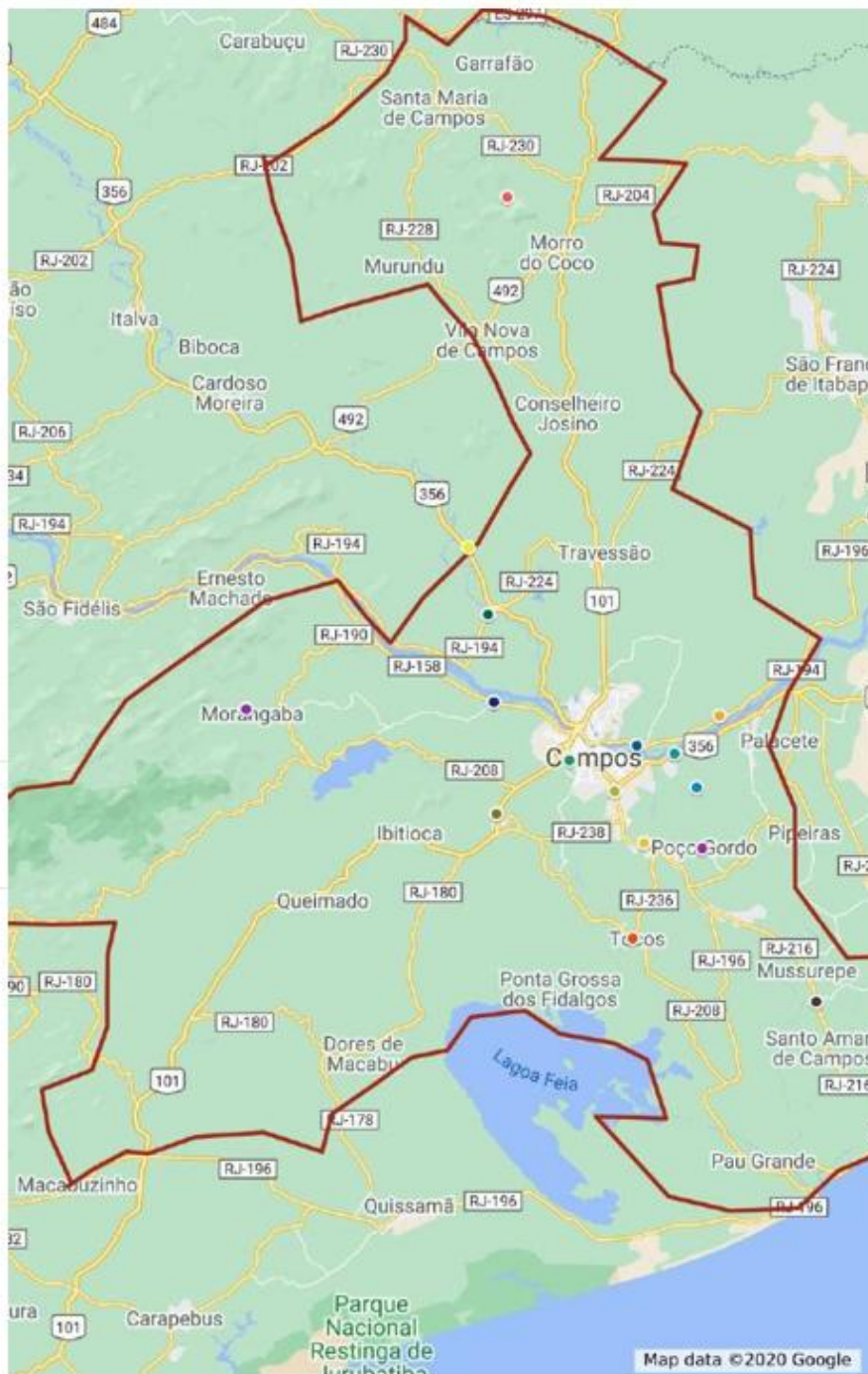
Usinas de açúcar – Campos dos Goytacazes

Legenda das Usinas por cores

- Usina Abadia
- Usina Cambaíba
- Usina Santo Antônio
- Usina Do Queimado
- Usina Santa Cruz
- Usina São José
- Usina Paraíso
- Usina Poço Gordo
- Usina do Cupim
- Usina São João
- Usina Santo Amaro
- Usina N. S. das Dores
- Usina Sapucaia
- Usina Novo Horizonte
- Usina de Outeiro
- Usina Pedra Lisa

Contorno território

- Todos os itens



DENOMINAÇÃO

Usina Cambaíba

FICHA Nº 01

LOCALIZAÇÃO

Rodovia Whashington Luís, Cambaíba,
Campos dos Goytacazes -RJ

FUNDAÇÃO

Século XX

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Detalhamento no corpo da ficha

USO ATUAL

Sem uso

PROTEÇÃO EXISTENTE

Nenhuma

PROPRIETÁRIO

Particular



Legenda

-  USINA CAMBAIBA
-  Usina Cambaíba
-  Rod. Washington Luís



Ruínas da usina Cambaíba. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo Pessoal

Descrição arquitetônica

A visita a essa propriedade se deu de forma externa e o que se tem de informações a respeito das instalações da usina, além da observação in loco, são através de artigos, fotos, e imagens do Google Earth.

O terreno da usina ocupa uma área considerável do lugarejo em que se localiza. Isso pôde ser notado tanto na plataforma Google Earth, quanto na visita.

Logo à frente, pela rodovia Whashington Luís, está erguida uma pequena construção, como uma espécie de guarita de acesso. Esta é de proporções pequenas, de apenas um pavimento. Possui aberturas de portas e janelas. Algumas das janelas estão com vedação em ferro e vidro.

Atrás da construção descrita, estão erguidos alguns prédios que restaram da fábrica e suas três grandes chaminés. Um dos prédios possui 5 pavimentos e está unido a outros dois mais baixos. O mais alto, assim como os outros, possui aberturas de janelas, mas este possui uma especial, que corre por todos os pavimentos, formando uma espécie de painel de iluminação. São, aparentemente, estruturados em concreto armado e vedados em tijolo maciço, elemento bem marcante em toda a paisagem da usina.

A lado esquerdo dessas construções, há ainda outras duas, erguidas, aparentemente em sua totalidade, por tijolo maciço. A construção mais ao fundo possui janelas alongadas verticalmente e vedadas com elemento vazado. A da frente tem suas janelas mais quadrangulares. Ambas têm um formato levemente arqueado.

Nos artigos analisados, tem-se a informação de um casarão. Marcelo Carlos Gantos(s/d p. 3) afirma ser a moradia da família dos usineiros, com base em uma fotografia tirada sem datação. O inventário analisado (2004) , por sua vez, apenas intitula o prédio de “casa da usina”. Zandor Gomes Mesquita (2012, p.90) tem em seu trabalho intitulado « O Patrimônio Industrial como elemento constituinte da paisagem campista» uma fotografia que afirma ser a antiga sede da administração. Muito provavelmente é o mesmo prédio citado pelos autores mencionados anteriormente, já que a configuração de sua cobertura é praticamente a mesma.

O fato é que, durante a visita, avistou-se parte do telhado desse prédio fotografado por Mesquita, portanto, ele ainda existe. Isso também será tratado no tópico seguinte.

A casa fotografada pelos dois primeiros autores mencionados possuía características marcantes que demonstravam sua importância na propriedade: grande, de dois pavimentos, com uma grande varanda na fachada, que parece se estender a uma das laterais, além de possuir esquadrias de madeira bem ornadas.



Espécie de guarita de acesso. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo Pessoal



As três chaminés da usina. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo Pessoal



Prédio de 5 pavimentos. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo Pessoal



Abertura alongada no prédio de 5 pavimentos.
Dez. 2019. Fonte: Arquivo Pessoal



Duas edificações ao lado esquerdo. Ao fundo, o telhado do casarão. Dez. 2019. Fonte: Arquivo Pessoal



Janela alongada na edificação mais ao fundo.
Dez. 2019. Fonte: Arquivo Pessoal

Descrição arquitetônica



Base da chaminé de maior proporção. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo Pessoal



Casarão com esquadrias de ferro e vidro e madeira.
Fonte: Gantos, s/d.



Casarão visto pela lateral.
Fonte: Gantos, s/d.



Casarão visto de frente.
Fonte: Fichas de inventário, 2003.



Parte do casarão.
Fonte: Fichas de inventário, 2003.



Casarão em 2012.
Fonte: Mesquita, 2012

Detalhamento do estado de conservação

A maior parte da estrutura dos edifícios que restaram da usina se encontra em estado acelerado de arruinamento. São muitas as que já se desmoronaram e pode-se ver os resquícios dos tijolos através das fotografias tiradas na visita e através de breve pesquisa de fotografias via satélite do Google Earth.

A guarita, apesar do abandono, ainda se encontra em bom estado e parece não apresentar risco de desabamento, no entanto, no que se refere à usina em si, tudo ou quase tudo está comprometido.

As construções que restaram da fábrica estão com rachaduras graves, e muitas delas só têm parte de suas paredes de pé. O prédio de 5 pavimentos tem parte da estrutura de seus pilares aparentes, o que pode causar desabamentos futuros.

Em 2004, quando se teve o registro mais antigo capturado pela plataforma, já se pode notar que as instalações se encontravam em abandono, onde se vê o desmoronamento de parte da cobertura. Já em 2010, nota-se que grande parte dessa estrutura da usina (cobertura) já não se encontra mais de pé. No ano de 2014, tem-se ainda menos cobertura protegendo os prédios, mas ainda se pode notar algumas estruturas, que parecem ser metálicas, próximas à chaminé de maior proporção, e que já não existiam mais no ano de 2019. Essas estruturas metálicas podem ser vistas no Street View da mesma plataforma, no ano de 2015.

Nas imagens, apresentadas a seguir, além do que foi mencionado acima, é possível perceber a alteração do telhado da casa, referida no tópico anterior, entre os anos 2004 e 2010. A hipótese é de que essa é a mesma casa fotografada por Mesquita em 2012. Isso se confirma pelo fato de que a cobertura mostrada pelo satélite é a mesma mostrada na fotografia do autor. Além disso, a posição dessa casa em todas as imagens nos leva a apostar que se trata do mesmo edifício.

O curioso é que, em 2004, esse edifício está com uma cobertura diferente, mas com o mesmo traçado, com o telhado avançando em parte da construção, que muito provavelmente é a varanda, mostrada nas fotografias anteriores, do referido casarão. Esse fato aponta para a hipótese de que as fotos se referem à mesma casa e que esta se encontrava, em 2019, reformada e com o aspecto mais parecido com o da registrada por Mesquita. Ou seja, se de fato as fotografias são do mesmo edifício, este perdeu suas características originais, como as esquadrias, ausentes no registro de Mesquita.



Degradação da usina em 2004. Telhado antigo da casa ao lado da usina. Fonte: Google Earth



Degradação da usina em 2010. Telhado reformado da casa ao lado da usina. Fonte: Google Earth



Degradação da usina em 2014.
Fonte: Google Earth



Usina em 2019.
Fonte: Google Earth

Detalhamento do estado de conservação



Estruturas metálicas existentes próximo à rodovia. Abr. 2015. Fonte: Google Earth



Ferragem da estrutura aparente e desprendimento de parte da parede em uma das edificações. Dez. 2019
Fonte: Arquivo Pessoal.



Arruinamento das estruturas da usina. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Arruinamento das estruturas da usina. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Vegetação invadindo as ruínas da usina. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo Pessoal.



O acesso parece ainda não apresentar risco de desabamento. Dez. 2019. Fonte: Arquivo Pessoal.

Zandor Gomes Mesquita afirma que:

Segundo Torres Filho (1920), a unidade, enquanto usina, foi inaugurada no início do século XX, sob a administração da empresa Augusto Ramos & C. Esta, assim que recebeu a posse, empreendeu diversas reformas, pois almejava o aumento de sua capacidade produtiva. Após os investimentos iniciais a usina passou a operar com 150 operários, que trabalhavam em dois turnos no período de moagem e sua produção, em 1917, alcançou as 57.211 sacas de açúcar.

Na década de 1960 a unidade produtiva foi adquirida pela família Ribeiro Gomes. Aproveitando-se dos empréstimos concedidos pelo governo federal, os novos proprietários empreenderam outra grande reforma, aumentando consideravelmente sua capacidade de produção. Indo além, como parte dessa estratégia de expansão, os responsáveis pela administração de Cambaíba adquiriram novas unidades, como, por exemplo, a Usina Santo Antonio. O valor da operação girou em torno dos 12 milhões de cruzeiros, obtidos por intermédio de empréstimo do governo federal (CARVALHO, 2006).

No ano de 1974/1975 a safra foi de 385.500 sacos de açúcar, com uma previsão de 1.000.000 de sacos para a produção do ano de 1978/1979. Neste período a unidade ocupava uma área total de 6.763 hectares. Porém, mesmo com grande capacidade produtiva os proprietários não conseguiram pagar o empréstimo. Além disso, a fusão gerou crises trabalhistas, com a necessidade de dispensa de funcionários para conter as despesas. Neste contexto, o último administrador da unidade, o deputado Heli Ribeiro Gomes, decide por encerrar a produção da Usina de Cambaíba. (2012, p. 86).

Marcelo Carlos Gantos também menciona que:

O 'Complexo Agroindustrial de Cambahyba', como era conhecido na região, foi uma das principais indústrias do município. Ela pertenceu, até sua desativação e encerramento definitivo na entre safra de 1995/96, a família de Heli Ribeiro Gomes. A propriedade chegou a ocupar em 1979 uma área total própria de 6.763 Ha. somadas 1116 Ha. arrendadas das quais 6200 (85,8) foi área de produção dedicada à cana, 1339 Ha. (16%) de pecuária, 200 Ha. (2,5%) reserva legal e 20 Ha. (0,31) área inaproveitada. (s/d, p. 19)

Segundo Dilcéa de Araújo Vieira Smiderlef (2009,p.70), a usina foi fechada no ano de 1995.



Usina Cambahyba em 1940-50 (foto do Álbum)

Usina Cambaíba no início do século XX;

Fonte: GANTOS, s/d.

Referências

GANTOS, Marcelo Carlos. Modos de ver e pensar o patrimônio agroindustrial: a usina Cambahyba refletida através de um álbum fotográfico. In: 2º Seminário de Patrimônio Agroindustrial ? Lugares de Memória, 2010, São Carlos. Anais 2º Seminário de Patrimônio Agroindustrial ? Lugares de Memória. São Carlos: SAP/EESC/USP, 2010. v. 01. Disponível em: <https://www.iau.usp.br/sspa/arquivos/pdfs/papers/03514.pdf>. Acesso: Março de 2020.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL (INEPAC). **Projeto Inventário de Bens Culturais Imóveis. Desenvolvimento Territorial dos Caminhos Singulares do Estado do Rio de Janeiro:** Açúcar. Fichas de Inventário, vol. I. Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: INEPAC, 2004. Disponível em: < <https://bis.sebrae.com.br/bis/conteudoPublicacao.zhtml?id=1991> > Acesso: 27 abr. 2020.

MESQUITA, Zandor Gomes . O Patrimônio Industrial como elemento constituinte da paisagem campista. In: XI Mostra de Pós-Graduação da UENF, 2012, Campos dos Goytacazes. XI Mostra de Pós-Graduação da UENF, 2012. Disponível em: <http://uenf.br/posgraduacao/politicas-sociais/wp-content/uploads/sites/11/2015/06/ZANDOR-GOMES-MESQUITA.pdf>. Acesso: Março de 2020.

SMIDERLE, Dilecia de Araújo Vieira. O multiforme desafio do setor sucroalcooleiro de Campos dos Goytacazes. 01. ed. Campos dos Goytacazes RJ: Editora Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2010. v. 01. 130p . Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp129878.pdf>. Acesso: Março de 2020

DENOMINAÇÃO

Usina Nossa Senhora das Dores

FICHA Nº 02

LOCALIZAÇÃO

Av, Principal, Martins Laje,
Campos dos Goytacazes -RJ

FUNDAÇÃO

1894

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Detalhamento no corpo da ficha

USO ATUAL

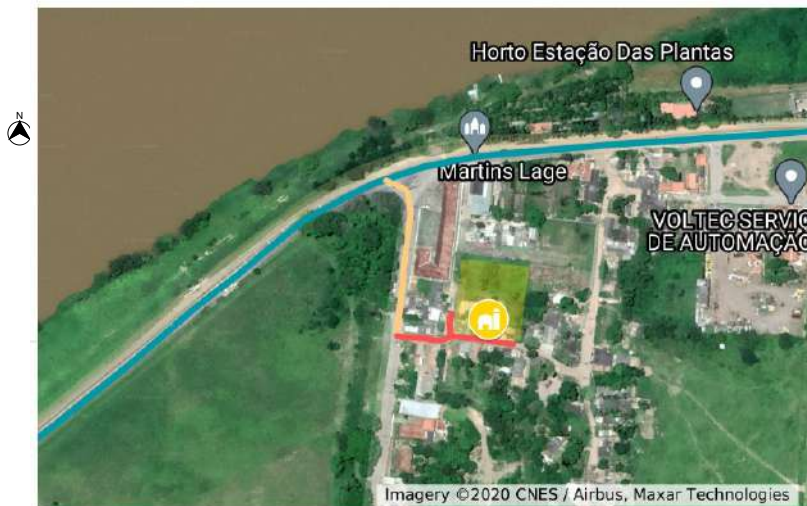
Ocupação irregular

PROTEÇÃO EXISTENTE

Nenhuma

PROPRIETÁRIO

-



Legenda

- Usina N. S. das Dores
- Usina N. S. das Dores
- Rua de melhor acesso

- Av. Principal Martins Laje
- Av. Presidente Kenedy /
BR356



Destilaria Central, construída em cima
da Usina N. S. das Dores. Dez. 2019

Observação

A presente ficha apresenta uma configuração um pouco diferente das demais, dado que o histórico se faz importante estar em primeiro plano.

A Usina Nossa Senhora das Dores foi fundada no ano de 1894 e seu funcionamento foi até o ano de 1931. Igor Paolo Ribeiro Dias Rodrigues (2016, p.70) afirma que, em 1936, o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) instalou, neste mesmo lugar, uma das maiores destilarias do país, a chamada Destilaria Central.

Por esse motivo, os registros fotográficos realizados durante a visita ao local, em Dezembro de 2019, são desta destilaria, não da usina.

Histórico

Segundo Brandão & Cia (1916, p. 13-17), a Usina Nossa Senhora das Dores foi fundada no ano de 1894, pelos Srs. Manhães & Irmãos. Passou por muitas reformas desde essa época.

As plantações de cana eram distribuídas pelas fazendas pertencentes à usina. Até o ano de 1920, eram elas: Dores, Paineiras, S. Martinho, S. João, Tingidor, Santo Antonio de Tingidor, Menezes, Genipapo e fazenda e sítio do Goiabal, Conceição e Quinta. Essas propriedades, anexas à usina, também possuíam criação de gado.

O transporte da matéria-prima para a usina era através da linha férrea particular, que ligava as fazendas das Dores e do Goiabal até a fábrica.

A usina era movida a vapor, por meio de 4 caldeiras, e o combustível usado era lenha e bagaço de cana. O consumo dessa lenha era de 30 m³ em 24h. É interessante citar também que a iluminação da usina era toda elétrica e que a água utilizada nas instalações provinha do rio Paraíba do Sul.

Contava com oficina mecânica, almoxarifado, uma residência para a gerência :

Formando um corpo distinto, mas perto da usina, está edificada uma casa alta, higienica, para residência do gerente, Dr. Pedro Américo Corrêa.

Contiguas a ella existem mais 45 casas menores, destinadas à moradia de operários. Ha igualmente algumas edificações nas fazendas, para residencia dos lavradores. (Anuário Campista 1920, p. 131)

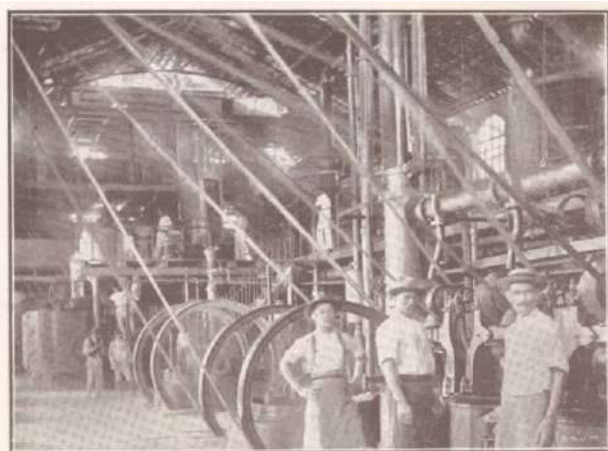
Além do açúcar, a usina também produzia resíduos (mel) para a fabricação de aguardente, os quais eram encaminhados para a Destilaria Central. Sua direção, no ano de 1916 estava sob o comando de Dr. José Rodrigues Leite Junior.

Segundo Brandão & Cia, as instalações também contavam com telégrafo e telefone, “em ligação com as demais usinas da firma entre si, á Leopoldina, ao escriptorio em Campos e á casa de residencia do socio Sebastião Teixeira Brandão” (1916, p.17)

No mesmo ano, a safra calculada foi de 60.000 sacos de 60 kg de açúcar.



Usina Nossa Senhora das Dores
Fonte: Brandão & Cia, 1916.



O interior da usina
Fonte: Brandão & Cia, 1916.

Descrição arquitetônica

Segundo Brandão & Cia (1916, p. 13), a respeito do antigo edifício da usina, tem-se as seguintes informações:

“ O edifício é constituído de armação de ferro e alvenaria, disposta em vários pavilhões, de distintas formas ou aspectos, mas apresentando um só corpo com uma superfície coberta de 1860 metros quadrados.”

A visita a essa propriedade se deu de forma externa e o que se tem de informações a respeito das instalações da usina, além da observação in loco, são através de artigos, fotos, e imagens do Google Earth.

A respeito do atual prédio da destilaria, este estava, até Dezembro de 2019, com uma ocupação irregular.

O acesso à edificação se dá por meio de uma ruela sem nome, e esta acessa a Avenida Principal. A fábrica se prolonga por toda essa pequena rua e não há limites muito bem definidos entre a propriedade e a mesma.

O que se pôde observar de arquitetura industrial dessa área compreende construção única, quadrangular, de três pavimentos e, atrás e a chaminé. Também existe um pátio aberto, com uma estrutura alta e cilíndrica, que provavelmente era um reservatório. Apesar disso, não é uma fábrica de grandes dimensões.

A estrutura do bloco quadrangular é de concreto armado e vedação em tijolo maciço, conforme observações feitas do lado externo da construção. Algumas aberturas de janelas são gradeadas em ferro e parte das paredes externas estão cobertas por um tipo de textura. Em seu interior, foi possível notar a presença de um ambiente revestido de azulejo.

Não foi possível ter uma visão clara da cobertura do prédio.

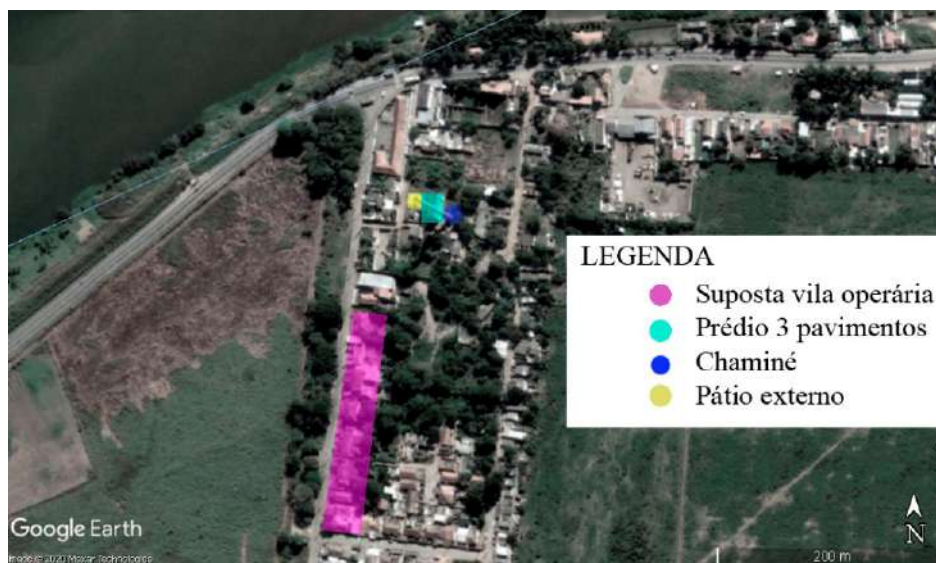
O pátio é totalmente aberto mas demarcado por um piso cerâmico. O suposto reservatório também é revestido por um material que se assemelha à cerâmica.

A chaminé tem uma altura considerável em relação ao restante da construção. É erguida em tijolo maciço.

Nas proximidades das instalações da fábrica, na Avenida Principal, há um conjunto de residências relativamente parecidas e que aparentam ter relação com a antiga usina ou com a destilaria, podendo ser a vila operária. A principal característica dessas casas são as colunas que marcam o acesso ao terreno. Possuem uma cessão quadrada e em seu topo, faz um formato piramidal. São revestidas por uma espécie de textura, assim como algumas residências.

A redondeza é marcada majoritariamente por residências, mas há também uma escola que faz limite com a construção analisada.

A imagem a seguir, apresenta a implantação das estruturas citadas:



Implantação observada na visita no ano de 2019. Fonte: Google Earth (Adaptado).

Descrição arquitetônica



Chaminé da fábrica. Fonte: Arquivo pessoal. Dez de 2019.



Grade de ferro em algumas aberturas de janela.
Fonte: Arquivo pessoal. Dez de 2019.



Suposto reservatório da destilaria.
Fonte: Arquivo pessoal. Dez de 2019.



Não há limites bem definidos entre a fábrica e as construções vizinhas
Fonte: Arquivo pessoal. Dez de 2019.



Vista para um ambiente no interior da construção.
Fonte: Arquivo pessoal. Dez de 2019.



Vista de ambiente interno com azulejos
Fonte: Arquivo pessoal. Dez de 2019.

Descrição arquitetônica



Colunas demarcam o acesso às residências na suposta vila operária.
Fonte: Arquivo pessoal. Dez de 2019.



Residência da suposta vila operária.
Fonte: Arquivo pessoal. Dez de 2019.



Detalhe das colunas.
Fonte: Arquivo pessoal. Dez de 2019.



Detalhe das colunas.
Fonte: Arquivo pessoal. Dez de 2019.

Detalhamento do estado de conservação

A estrutura do prédio, na parte externa, apresenta muitas patologias.

No edifício de 3 pavimentos notou-se que o reboco e a textura se desprenderam dos tijolos em duas das quatro faces do bloco. Apresenta ferrugem estrutural aparente e marcas de infiltração em seu interior.

A maioria das aberturas de portas e janelas não apresentam vedação, mas algumas delas estão fechadas com tijolo lajota.

Foi possível notar que parte da cobertura do prédio desmoronou.

No pátio, nota-se a presença de um piso, que vai até a porta de acesso ao prédio. E, ao redor deste, existem ruínas de outras estruturas da destilaria que já não existem mais.

É importante abordar que, em 2010, esta construção já apresentava problemas estruturais e já havia sido condenado pela defesa civil.

Há intensa vegetação ao redor da construção, no entanto, não há indícios de que se tenha no interior do prédio.



Ausência de reboco em grande parte do prédio.
Fonte: Arquivo pessoal. Dez de 2019.



Lateral do prédio com parte da cobertura desmoronada.
Fonte: Arquivo pessoal. Dez de 2019.



Vedação de lajota em algumas aberturas.
Fonte: Arquivo pessoal. Dez de 2019.



Infiltração interna.
Fonte: Arquivo pessoal. Dez de 2019.

Detalhamento do estado de conservação



Ruínas ao redor do pátio.
Fonte: Arquivo pessoal. Dez de 2019.



Vigas aparentes na estrutura de concreto e vedação de tijolo maciço. Fonte: Arquivo pessoal. Dez de 2019.



Piso do pátio.
Fonte: Arquivo pessoal. Dez de 2019.



Vegetação ao redor da fábrica
Fonte: Arquivo pessoal. Dez de 2019.

Referências

ÁLBUM DESCRIPTIVO. **A riqueza do município de Campos.** Editado por Brandão & Companhia. Campos, 15 de outubro de 1916. 40 p.

CAMPOS DOS GOYTACAZES. **Anuário Campista.** Editado por João Barreto. Campos, 1920. 200 p. *Fac-Símile.*

RODRIGUES, Igor Paolo Ribeiro Dias. *Território e Poder: As elites e a organização do território em Campos dos Goytacazes.* Disponível em: http://www.ppg.uff.br/wp-content/uploads/2017/04/IGOR_Diss.pdf. Acesso em abril 2020.

INVENTÁRIO DAS USINAS DE CANA DE AÇÚCAR DE CAMPOS DOS GOYTACAZES



DENOMINAÇÃO

Usina Santo Antônio

FICHA Nº 03

LOCALIZAÇÃO

Av. N.S. do Carmo, Pq. Tarcísio Miranda,
Campos dos Goytacazes -RJ

FUNDAÇÃO

1895

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Detalhamento no corpo da ficha

USO ATUAL

Sem uso

PROTEÇÃO EXISTENTE

Nenhuma

PROPRIETÁRIO

-



Legenda



Usina Santo Antônio



Usina Santo Antônio - Bêco



Rua de melhor acesso



Av. N.S. do Carmo



Av. Sen. Tarcísio Miranda



Usina Santo Antônio. Dez. 2019.

Fonte: Arquivo pessoal

Descrição arquitetônica

A visita a essa propriedade se deu de forma externa e o que se tem de informações a respeito das instalações da usina, além da observação in loco, são através de artigos, fotos, e imagens do Google Earth.

A edificação onde funcionava a usina está, hoje, cercada por muros. Possui duas chaminés, que são possíveis de se observar a uma distância considerável. São edificadas de tijolo maciço, sendo que a aparentemente mais antiga tem formato quadrangular e a mais recente, circular.

Na redondeza imediata ao terreno, pode-se observar alguns galpões de estabelecimentos comerciais.

É possível notar, através de fotografias e com a ajuda da plataforma Google Earth, que a usina era formada por vários galpões, a casa administrativa e a vila operária, que ainda existia no ano de 2012.

A casa administrativa possuía aspectos do estilo neoclássico.



Muro que cerca o terreno e as duas chaminés.
Dez. 2019. Fonte: Arquivo pessoal.



Galpão de estabelecimento comercial ao lado da usina.
Dez. 2019. Fonte: Arquivo pessoal.



Esquema de configuração da usina e de seu entorno em 2012
Fonte: Mesquita, 2012.

Detalhamento do estado de conservação

Na visita à unidade não foi possível a entrada e o que se pôde observar foi parte de uma estrutura arruinada, que se une ao muro, que cerca o terreno e as duas chaminés. A de aparência mais antiga mostra alguns sinais de desprendimento de parte da estrutura.

Uma breve análise, via plataforma Google Earth, que nos revela a existência da casa administrativa no ano de 2004, bem como alguns galpões e a vila operária. Já no ano de 2010, o que se nota edificado são apenas as chaminés e a vila operária, que já se mostra inexistente em 2020.

O edifício da administração tinha formato “U”, visto em planta, e possuía aspectos do estilo neoclássico.



Estrutura arruinada que se une ao muro
Dez. 2019. Fonte: Arquivo Pessoal



Desprendimento de parte dos tijolos da
chaminé. Dez. 2019. Fonte: Arquivo Pessoal



Esquema de configuração da usina e de seu
entorno em 2004. Fonte: Google Earth



Esquema de configuração da usina e de seu
entorno em 2010. Fonte: Google Earth

Detalhamento do estado de conservação



Esquema de configuração da usina e de seu entorno em 2019. Fonte: Google Earth



Ruínas do prédio da administração.
Dez. 2004. Fonte: Fichas de inventário, 2004.

“Construída sob a forma de Engenho Central entre os anos de 1880 e 1881, a Usina Santo Antonio pertencia a Joaquim Pinto Neto dos Reis, o Barão de Carapebus, que residia no Solar do Beco.” afirma Zandor Gomes Mesquita (2012, p. 74).

A usina foi fundada, segundo Brandão & Cia (1916, p. 21), no ano de 1895, pelo Comendador Antonio Manoel da Costa. Em 1906, a empresa Brandão & Cia comprou-a e esta passou a ser gerida pelo Coronel Germano Ribeiro de Castro (Mesquita, 2012, p.74). No mesmo ano, a referida usina foi reformada, para que pudesse moer 200 t de cana em 24h (Fichas de inventário, 2004). Sua área, no ano de 1916, contava com 1.040 m² cobertos (Brandão & Cia, 1916, p. 21).

Segundo o Anuário de 1920 (1920, p.158), a matéria-prima que alimentava a fábrica vinha das fazendas Santo Antônio e do Becco. Na primeira, havia 350 ha de terra para a cultura da cana. Também havia criação de gado, que, além de outras funções, servia para o transporte de cana. A fazenda do Becco possuía aproximadamente 700 ha de plantação de cana e era vizinha à de Santo Antônio. A casa da última fazenda é hoje o Asilo do Carmo (Mesquita, 2012, p.74).

Segundo Brandão & Cia (1916, p. 22), no ano de 1916, a usina já pertencia à firma Brandão&Cia, juntamente com as usinas N. S. das Dores e Barcelos: “Esta usina possui 4 kilometros de linha ferrea que a comunica, por meio da Leopoldina, com as outras usinas da mesma firma: Bercellos e Dôres.”.

Era movida a vapor, com combustível proveniente da lenha e do bagaço. Consumia-se, em 1916, 24 m³ de lenha em 24h. Para as caldeiras, utilizavam-se de águas de poços.

Conforme afirma Brandão & Cia (1916, 23-24), possuía oficina mecânica, uma carpintaria e um almoxarifado, para a manutenção das máquinas. O que não fosse possível ser consertado ali, era transportado para a usina de Barcelos, que possuía bons aparelhos e grandes fundições de ferro e bronze. A fabrica também possuía iluminação elétrica, instalada no mesmo ano.

A indústria também contava com um alambique para álcool, que se situava num edifício independente da usina.

Ao lado do complexo industrial estava a casa administrativa que era um grande edifício de grandes dimensões. Um pouco mais afastado, mas não muito distante, estavam as 48 casas menores, dos trabalhadores fabris. Também haviam casas para os lavradores nas fazendas.

Da mesma forma que as Usinas N.S. das Dores e de Barcellos, possuía os aparelhos de telégrafo e telefone, que comunicavam as usinas, a estrada Leopoldina e o escritório da firma.

No ano de 1916, a safra foi de 30.000 sacos de 60kg de açúcar.

Segundo Zandor (2012, p. 74 - 75), a usina passou por um período difícil no ano de 1917, por conta da seca. Nos anos seguintes, a produção oscilava, no entanto, havia um aumento considerável, em comparação aos anos 1917 e 1918:

Em 1935 a Companhia Industrial Agrícola Usina Santo Antônio era dirigida por um grupo de sócios liderados por Tarcísio D'Almeida Miranda (IAA, 1942). Superando várias crises e grandes dificuldades, a Usina Santo Antonio continuava mantendo sua produção, como demonstra estes números em 1940/41, 67.338 e, em 1970/71 pulou para 186.656 sacos de 60kg. Porém, com a morte do Senador Tarcísio Miranda em 1958, assume o seu lugar o filho Osvaldo Miranda. (2012, p. 75)

Ainda segundo Zandor (2012, p. 75) durante esse período, houve grande investimento, por parte do Governo Federal, nas indústrias açucareiras. É importante destacar que, no ano de 1978, a usina se fundiu com a usina Cambaíba, e os novos donos, a fim e ampliar a produção, fizeram uma construção anexa à usina já existente.

Essa informação justifica a existência de duas chaminés no local, uma mais antiga, de aproximadamente 32 m, e de formato quadrado, e outra mais moderna e mais alta, de formato circular.

Na década de 1980, produzia-se cerca de 25 milhões de sacas de açúcar (Zandor, 2012, p. 75) .



Usina Santo Antônio
Fonte: Brandão & Cia, 1916.



Sede da Administração
Fonte: Brandão & Cia, 1916.



Unidade industrial no início do século XX.
Fonte: Mesquita, 2012.



Solar do Beco no início do século XX.
Fonte: Mesquita, 2012.



A fazenda do Beco. 1859-61
Fonte: Ribeyrolles, Charles, 1812-1860
. [Brazil pittoresco : album de vistas, panoramas, monumentos.... p. \[gravura 36\]](#)

Referências

ÁLBUM DESCRIPTIVO. **A riqueza do município de Campos.** Editado por Brandão & Companhia. Campos, 15 de outubro de 1916. 40 p.

CAMPOS DOS GOYTACAZES. **Anuário Campista.** Editado por João Barreto. Campos, 1920. 200 p. *Fac-Símile.*

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL (INEPAC). **Projeto Inventário de Bens Culturais Imóveis. Desenvolvimento Territorial dos Caminhos Singulares do Estado do Rio de Janeiro:** Açúcar. Fichas de Inventário, vol. I. Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: INEPAC, 2004. Disponível em: <<https://bis.sebrae.com.br/bis/conteudoPublicacao.zhtml?id=1991>> Acesso: 27 abr. 2020.

MESQUITA, Zandor Gomes . O Patrimônio Industrial como elemento constituinte da paisagem campista. In: XI Mostra de Pós-Graduação da UENF, 2012, Campos dos Goytacazes. XI Mostra de Pós-Graduação da UENF, 2012.. Disponível em: <http://uenf.br/posgraduacao/politicas-sociais/wp-content/uploads/sites/11/2015/06/ZANDOR-GOMES-MESQUITA.pdf> . Acesso: Março de 2020.

JACOTTET, Louis-Julien. Fazenda do Beco : Campos. Paris, França: Lemercier, Imprimeur-Lithographe, 1861. 1 grav, litografia, pb. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=6810. Acesso: Abril de 2020.

INVENTÁRIO DAS USINAS DE CANA DE AÇÚCAR DE CAMPOS DOS GOYTACAZES



DENOMINAÇÃO

Usina Santo Amaro

FICHA Nº 04

LOCALIZAÇÃO

RJ 216, Mussurepe, Campos dos
Goytacazes -RJ

FUNDAÇÃO

Século XX

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Detalhamento no corpo da ficha

USO ATUAL

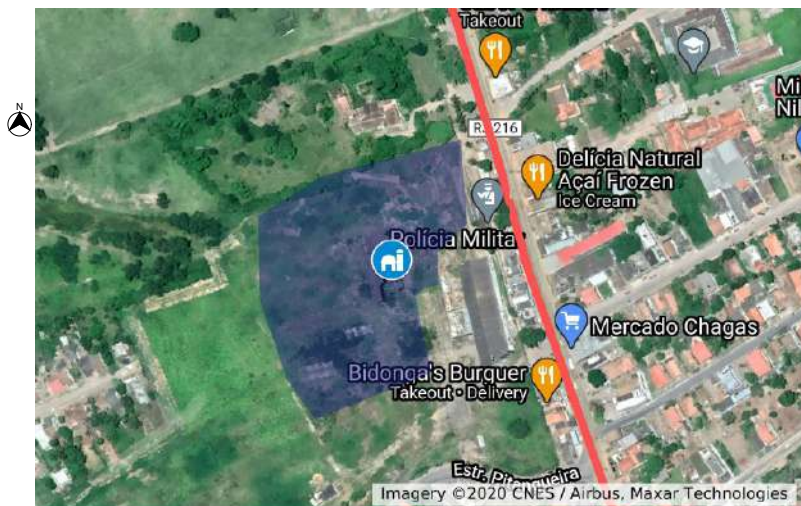
Desativada / Galpão em uso

PROTEÇÃO EXISTENTE

Nenhuma

PROPRIETÁRIO

Particular



Legenda

Usina Santo Amaro

Usina Santo Amaro

RJ 216



Usina Santo Amaro, Dez. 2019.
Fonte: Arquivo pessoal

Descrição arquitetônica

A visita a essa propriedade se deu de forma externa e o que se tem de informações a respeito das instalações da usina, além da observação in loco, são através de artigos, fotos, e imagens do Google Earth.

O terreno que abriga as instalações, do ponto de vista da RJ 216, não aparenta ter grandes dimensões. No entanto, pela estrada Pitangueira, é possível perceber um grande espaço livre que muito provavelmente faz parte deste terreno.

A edificação onde funcionava a usina está, hoje, na RJ 216, cercada por muros com pouco mais de 1,5m de altura e, por isso, é possível ver seus galpões e demais construções com certa facilidade, do lado externo. O acesso se dá por meio da RJ 2016, através de 3 portões de ferro, situados em postos distintos. Um deles aparenta não ser mais usado. Os muros aparentam ser erguidos em alvenaria e concreto armado.

A construção que estava sem uso, possui uma chaminé de formato arredondado e que é possível de se observar a uma distância considerável. É edificada em tijolo maciço e possui uma inscrição em sua superfície: “Sto Amaro 1949”.

Há também 3 volumes de galpões: o mais próximo da chaminé, possui uma cobertura de duas águas e erguida em estrutura metálica. A vedação superior é composta de tijolos vazados, como cobogós. A estrutura que sustenta o galpão aparenta ser de concreto armado, pois apresenta o sistema de vigas e pilares, onde, em alguns momentos, aparece parte da ferragem dessas estruturas. A vedação inferior aparenta ser formada por tijolo lajota.

Os outros dois galpões que se abrigam no terreno da antiga usina estão unidos. Um deles tem aparência bem antiga, em comparação aos outros dois, pois está muito mais degradado e seus tijolos são maciços. Por isso, supõe-se que suas paredes são estruturais. Sua cobertura era também de duas águas, já que o formato da parede que ainda está de pé deixa essa informação bastante clara.

O terceiro galpão é o maior de todos. Sua cobertura também tem caimento de duas águas e bem próximo a este está um dos acessos, na orientação sul da usina. Na visita não foi possível observar os materiais que o compõe. Apesar disso, aparenta ser uma intervenção posterior à fundação da usina, visto que está em melhores condições, além de sua dimensão.

Há ainda algumas outras estruturas no interior do terreno: dois volumes arredondados erguidos por pequenas colunas. Ao fundo, também há uma outra edificação, baixa, aparentemente pequena, com cobertura de duas águas, semelhante a uma casa.

No entorno imediato, há algumas construções que até se confundem ao terreno e estão voltadas para a RJ 216, como o posto da polícia de Baixa Grande e estabelecimentos comerciais.

Ao lado direito da usina, para o observador que está de frente para a mesma, pela RJ 216, há uma construção que possui muros e grades de aparência histórica. Muito provavelmente foi a residência do Sr. João M.P. Soares, mencionada mais adiante. Durante a visita, não foi possível ver a fachada desta edificação, já que havia grande volume de vegetação à sua frente. A hipótese, portanto, é sustentada porque parte do telhado da construção (que foi possível ver) se assemelha muito ao da foto histórica da residência do referido Sr. Soares. No entanto, o que se pôde perceber é que é um edifício em uso, visto que seu acesso estava aberto e se notou movimento de pessoas.

O acesso a essa edificação se dá por meio de duas colunas altas, cerradas por uma grade de ferro bem trabalhada em detalhes e de duas folhas. As colunas possuem uma lanterna em cada topo.

Na região oeste da usina, foi possível notar, em mapa, um aglomerado de residências. Supõe-se que seja a antiga vila operária, já que está muito próxima da fábrica e ao mesmo tempo um pouco afastada do tecido urbano de Baixa Grande, remetendo assim a um aspecto de vila.



LEGENDA

- Suposta vila operária
- Suposta residência
- Chaminé
- Galpão 1
- Galpão 2
- Galpão 3



Um dos acessos da usina.
Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Esquema de implantação da usina.
Fonte: Google Earth, 2019 (Adaptado)



Chaminé Usina Santo Amaro
Fonte: Arquivo pessoal, 2019.



Estrutura semelhante a uma casa no interior da usina..
Fonte: Arquivo pessoal, 2019.



Suposta residência Sr. Soares.
Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Detalhamento do estado de conservação

De modo geral, a usina está em fase avançada de arruinamento.

Os muros que a rodeiam estão em bom estado, mas parecem ser uma intervenção bem mais recente. Os portões estão enferrujados.

A chaminé também está em perfeito estado, aparentemente. No entanto, dos galpões menores restam apenas ruínas. O mais próximo à chaminé tem sua cobertura toda danificada, restando quase nada, a não ser sua estrutura metálica. Algumas partes das paredes que vedavam o edifício desabaram e também há tijolos aparentes, devido a alguma intervenção ou desprendimento do emboço. A estrutura de sustentação do edifício também pode estar comprometida, já que se notou ferragens aparentes.

O outro galpão está ainda em condições piores. A cobertura já não existe mais, nem sua estrutura. Estão erguidas apenas 3 das 4 paredes. Os tijolos estão aparentes devido ao desprendimento do emboço e também notou-se algumas rachaduras.

Não foi possível analisar o terceiro galpão de forma tão precisa quanto os outros, mas se pôde notar que este está em melhores condições que os demais.

Os elementos arredondados, mencionados anteriormente, pareciam ser mais altos e o que está lá hoje é apenas a base deste elemento. Os tijolos também estão expostos.

A residência, mencionada anteriormente, como já foi dito, não pôde ser analisada, mas apenas seu gradil com as colunas e parte da cobertura. A estrutura em geral aparenta estar em bom estado, tanto da cobertura, quanto das colunas, que delimitam o acesso à residência. Já o gradil está bastante enferrujado.

Nas imagens apresentadas a seguir, é possível perceber a evolução do arruinamento da usina, desde 2003, passando pelos anos 2010, 2015, 2017 até 2019. Nestas, se pode-se notar principalmente a degradação das coberturas.

Em 2003, grande parte da estrutura estava coberta e, a maioria em bom estado de conservação, exceto a do galpão 2. Já em 2010, nota-se que a cobertura que existia próxima à chaminé em 2003 já não está mais erguida, igualmente à cobertura do galpão 2. Além disso, a do galpão 1 começa a demonstrar sinais de degradação. Em 2015, a cobertura do galpão 1 já está com parte desmoronada, o que se mostra mais acelerado em 2017 e 2019.



Vista superior em 2003. Fonte: Google Earth



Vista superior em 2010. Fonte: Google Earth



Vista superior em 2015. Fonte: Google Earth



Vista superior em 2017. Fonte: Google Earth

Detalhamento do estado de conservação



Vista superior em 2019. Fonte: Google Earth



Cobertura galpão 1. Fonte: Arquivo pessoal, 2019



Inscrição na chaminé.
Fonte: Arquivo pessoal, 2019.



Parede galpão 1 com destaque para a ferragem exposta
Fonte: Arquivo pessoal, 2019



Paredes galpão 2.
Fonte: Arquivo pessoal, 2019.



Parede galpão 2.
Fonte: Arquivo pessoal, 2019

Detalhamento do estado de conservação



Muro e portão de acesso à usina.
Fonte: Arquivo pessoal, 2019



Coluna e lanterna da suporta residência.
Fonte: Arquivo pessoal, 2019



Gradil e muro da suposta residência.
Fonte: Arquivo pessoal, 2019.



Gradil da suposta residência enferrujado.
Fonte: Arquivo pessoal, 2019

Paredes galpão 2.
Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Parede galpão 2.
Fonte: Arquivo pessoal, 2019

Histórico

Apesar da inscrição, datar o ano de 1949, acredita-se que a usina seja mais antiga que isso, já que esta já consta no Anuário de 1920. Essa data nos faz supor que seja a construção da nova chaminé.

Segundo o anuário de 1920 (p. 145-147), a usina foi fundada pelos então proprietários neste mesmo ano, os Srs Américo Soares & Companhia que possuíam seu escritório no centro de Campos, na rua Treze de Maio, nº 22.

A usina possuía propriedades agrícolas, entre elas as Fazendas Sadanha, Marrécós, Baixa Grande, entre outros sítios. Por meio destas, extraíam grande parte da matéria-prima para a produção, enquanto a outra parte era comprada de plantadores vizinhos.

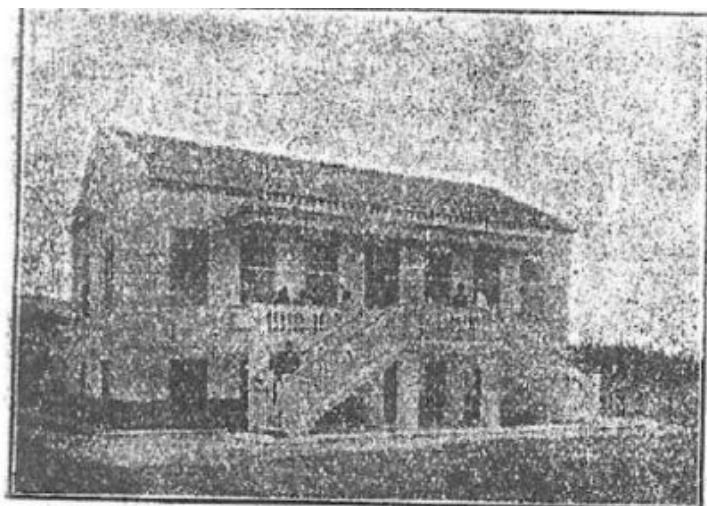
Para o transporte da cana e do combustível - lenha que provinha Miracema e Carangola - utilizavam a ferrovia Leopoldina e também carros de boi. A indústria também possuía uma ferrovia de 10 km.

A usina neste mesmo ano, possuía maquinário com capacidade de moer 400 t de cana em 12h. Era possível realizar pequenos concertos na própria usina, que dispunha de uma oficina mecânica.

Ainda segundo o anuário, a fábrica passou por várias reformas e por isso, naquele ano, ainda não se tinha uma regularização o desenvolvimento de sua capacidade produtora.

“ A produção da fábrica na safra de 1918 foi de 16.000 saccos de assucar, de 60 kilos cada um, e 420 pipas de aguardente , de 480 litros cada uma.” (Anuário 1920, p 147).

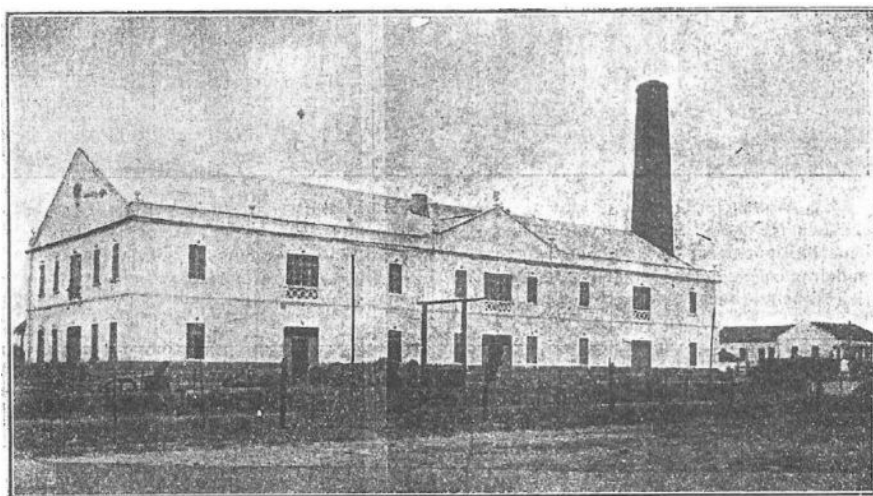
A usina encerrou suas atividades em 1994 (SMIDERLE, 2009).



RESIDENCIA DO SR. JOÃO M. P. SOARES

Residência do Sr. João M. P. Soares

Fonte: Anuário 1920.



Usina Santo Amaro

Fonte: Anuário Campista, 1920.

Referências

CAMPOS DOS GOYTACAZES. **Anuário Campista**. Editado por João Barreto. Campos, 1920. 200 p. *Fac-Símile*.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL (INEPAC). **Projeto Inventário de Bens Culturais Imóveis. Desenvolvimento Territorial dos Caminhos Singulares do Estado do Rio de Janeiro**: Açúcar. Fichas de Inventário, vol. I. Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: INEPAC, 2004. Disponível em: <<https://bis.sebrae.com.br/bis/conteudoPublicacao.zhtml?id=1991>> Acesso: 27 abr. 2020.

SMIDERLE, Dilcéa de Araújo Vieira. O multiforme desafio do setor sucroalcooleiro de Campos dos Goytacazes. 01. ed. Campos dos Goytacazes RJ: Editora Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2010. v. 01. 130p. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp129878.pdf>. Acesso: Março de 2020

DENOMINAÇÃO

Usina Poço Gordo

FICHA Nº 05

LOCALIZAÇÃO

Estr. Poço Gordo, próximo à Capela de São Sebastião, Poço Gordo, Campos dos Goytacazes -RJ

FUNDAÇÃO

1920

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Detalhamento no corpo da ficha

USO ATUAL

Sem uso

PROTEÇÃO EXISTENTE

Nenhuma

PROPRIETÁRIO

-



Legenda

-  Usina Poço Gordo
-  Usina Poço Gordo
-  Estrada Poço Gordo
-  Estrada São Sebastião
-  Rod. Mun. Cam. 91



Chaminé da usina Poço Gordo. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo pessoal

Descrição arquitetônica

Nesta usina especificamente, a observação foi feita a uma distância considerável, visto que era uma estrada deserta e achou-se por bem que se realizasse dessa forma. O que se tem de informações a respeito das instalações da mesma, além da observação in loco, são através de artigos, fotos, e imagens do Google Earth.

A propriedade da fábrica está localizada fora do contexto urbano de Poço Gordo. Assim, não foi possível notar uma delimitação clara de suas dimensões, pois esta parece se confundir com o meio rural ao redor. Não há limites claros entre o terreno da usina e seu contexto imediato.

O acesso se faz por meio de uma estrada de chão, que se liga à estrada Poço Gordo.

De modo geral a usina possui 4 volumes de galpões e uma chaminé.

Os galpões estão com suas fachadas principais voltadas para a estrada de acesso. São justapostos e suas coberturas faziam o formato de duas águas. Há um maior e 3 menores e de dimensões bem próximas entre si. O galpão maior aparenta ter um sistema construtivo formado por pilares e vigas de concreto armado e vedação em tijolo, tendo a presença do maciço e o tijolo lajota. A parede lateral esquerda é, em sua maioria, vedada por tijolo lajota aparente. Sua cobertura é erguida em estrutura metálica.

Adjunto a este, está erguido um elemento que se sobressai da construção. Foram observadas duas aberturas de janela. A vedação é em tijolo maciço e a cobertura tem formato piramidal. Desse elemento saem um conjunto de vigas e pilares que formam uma espécie de pórtico, formando uma estrutura escalonada. Atrás do galpão, foi possível perceber uma outra estrutura erguida em pórtico, mais alta que a primeira, o que parecia ser algum tipo de extensão do galpão. Esta estrutura também é vista pelas imagens de satélite do Google Earth.

A chaminé é alta, sendo possível vê-la a um raio de distância considerável.

Próximo à fábrica, há a capela de São Sebastião, tombada pelo COPPAM em 2012, e um pequeno conjunto de construções que aparentam ser residenciais.

LEGENDA

- Aglomerado residencial
- Capela S. Sebastião
- Chaminé
- Galpões



Implantação da Usina Poço Gordo.

Fonte: Google Earth. (Adaptado)



Vista lateral da usina. Dez. 2019.

Fonte: Arquivo Pessoal.



Ruínas do Engenho Central de Poço Gordo.

Fonte: CONCEIÇÃO *apud* Acervo de Elis Miranda, 2015

Detalhamento do estado de conservação

Durante a visita, só foi possível observar a vista lateral esquerda da usina, no entanto, foi possível perceber que a construção está em fase acelerada de arruinamento.

O galpão maior se encontra sem parte da cobertura, o que deixou sua estrutura aparente e oxidada. A parede lateral, se encontrava com algumas aberturas, mas não tinha sinais de desmoronamento, como rachaduras. Os pilares e as vigas, por sua vez, também estão em bom estado. Não revelam, até onde se pôde observar, nenhuma ferragem exposta nem rachaduras. Esta parede aparenta ser uma intervenção mais recente, visto que seus tijolos são do tipo lajota.

O elemento adjunto, referido no tópico anterior, no entanto, tem sua estrutura um pouco mais comprometida. Os pórticos de pilares e vigas estão com ferragem exposta e rachaduras graves. Em uma das aberturas de janela, a verga também está com a ferragem exposta. Essa estrutura tem a vedação rebocada, mas parte do reboco se desprendeu e os tijolos estão expostos.

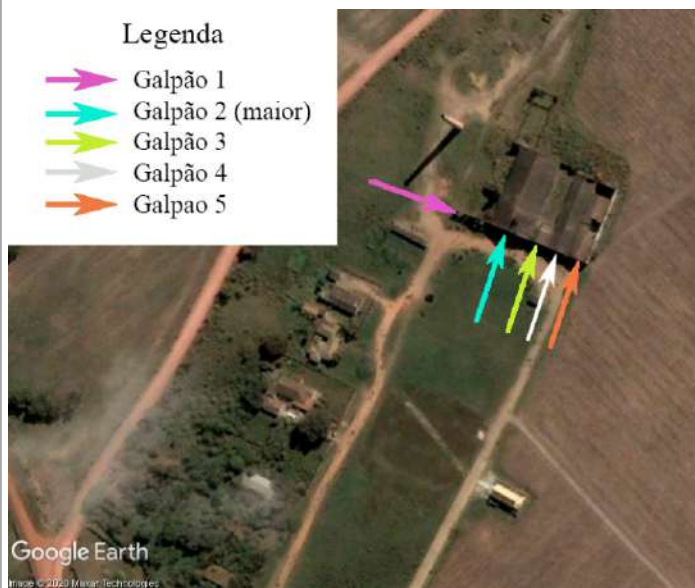
Foi possível observar ainda parte da empena da fachada posterior do mesmo galpão. Parte desta também está descoberta e o reboco interno está, em trechos, desprendido.

Ao redor da fábrica, notou-se intensa vegetação, que se envolvia com a construção, até mesmo na cobertura.

Por fim, a chaminé também apresenta sinais de degradação, uma vez que, no topo, notou-se longa rachadura, além de parte deste já estar desmoronada.

Nas imagens a seguir, é possível perceber o processo de arruinamento da estrutura a partir de 2004, pelas imagens do Google Earth.

Através de uma imagem histórica da usina, nota-se que houve algumas intervenções posteriores, mas a fábrica aparenta conservar bastante suas características originais. Conforme a imagem, apresentada no próximo tópico, a usina também tinha 4 galpões, no entanto, todos eles tinham o mesmo tamanho. Supõe-se que dois deles tenham se aglutinado e se tornado um, visto que, na mesma imagem, há um frontão que os une. Além disso, o elemento que se destaca, já citado aqui, também existe na referida imagem e está justamente em um dos galpões onde se supõe ter havido a ampliação. Essa hipótese se baseia também na imagem de 2004, onde é possível perceber a fachada do galpão à esquerda, que também existe na imagem histórica, mas que atualmente se perdeu. Se esta hipótese estiver correta, com certeza foram construídos mais dois galpões novos, após o ano de 1923, ano da foto histórica, à direita da fachada frontal da fábrica, pois, com a ampliação, a usina ficaria com apenas 3 galpões, sendo o do meio, maior. No entanto, o que se tem na imagem de 2004 são 5 galpões da esquerda para a direita: o 1, com apenas a fachada erguida, o 2 sendo o maior, ampliado, e o 3, o 4 e o 5 com as mesmas dimensões do 1.



Usina em 2004, ainda com a fachada do galpão 1.
Fonte: Google Earth (adaptado).



Estado de conservação da usina em 2010
Fonte: Google Earth (adaptado).

Detalhamento do estado de conservação



Estado de conservação da usina em 2015.
Fonte: Google Earth (adaptado).



Estado de conservação da usina em 2019.
Fonte: Google Earth (adaptado)



Galpão sem parte da cobertura. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo Pessoal



Estrutura da cobertura oxidada. Dez. 2019
Fonte: Arquivo Pessoal



Estrutura da cobertura oxidada. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo pessoal.



Cobertura do galpão maior Dez. 2019
Fonte: Arquivo Pessoal

Detalhamento do estado de conservação



Parede lateral esquerda com algumas aberturas. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo pessoal.



Parede lateral esquerda. Dez. 2019
Fonte: Arquivo Pessoal



Pórticos comprometidos. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo pessoal.



Detalhe de rachadura no pórtico. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo pessoal.



Detalhe da ferragem exposta. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo pessoal.



Verga com estrutura aparente. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo pessoal.

Detalhamento do estado de conservação



Parte da construção sem reboco. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo pessoal.



Vegetação envolvendo a fábrica. Dez. 2019
Fonte: Arquivo Pessoal



Empena da fachada posterior. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo pessoal.



Chaminé com rachaduras. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo pessoal.

Histórico

Segundo as fichas de inventário, vol. I (2003) , “ Constam na fachada principal o nome de Engenho Central Poço Gordo, com data de 1921. Hoje está abandonada, mas a usina Poço Gordo na década de 60 era uma das dez usinas mais produtivas de Campos, com uma produção anual de 201.108 sacas de açúcar.”

Antes de se tornar usina, a fábrica era um engenho central, que contava com 4km de linha férrea (CONCEIÇÃO, 2016). De acordo com Conceição (2016) *apud* Pinto (1995) o fundador do engenho central de Poço Gordo foi o Coronel Francisco Ribeiro da Mota Vasconcellos, que também foi um dos proprietários da usina São José.



Referências

CONCEIÇÃO, Raphael Neves da. **Leituras geohistóricas da paisagem da Baixada Campista**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes. 2016. Disponível em: < http://www.ppg.uff.br/wp-content/uploads/2017/04/Raphael_Diss.pdf>. Acesso: Out. 2020.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL (INEPAC). **Projeto Inventário de Bens Culturais Imóveis. Desenvolvimento Territorial dos Caminhos Singulares do Estado do Rio de Janeiro: Açúcar**. Fichas de Inventário, vol. I. Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: INEPAC, 2004. Disponível em: < <https://bis.sebrae.com.br/bis/conteudoPublicacao.zhtml?id=1991>> Acesso: 27 abr. 2020.

DENOMINAÇÃO

Usina Paraíso

FICHA Nº 06

LOCALIZAÇÃO

RJ-208, 793, Tocos, Campos dos
Goytacazes -RJ

FUNDAÇÃO

Entre os séculos XIX e XX

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Detalhamento no corpo da ficha

USO ATUAL

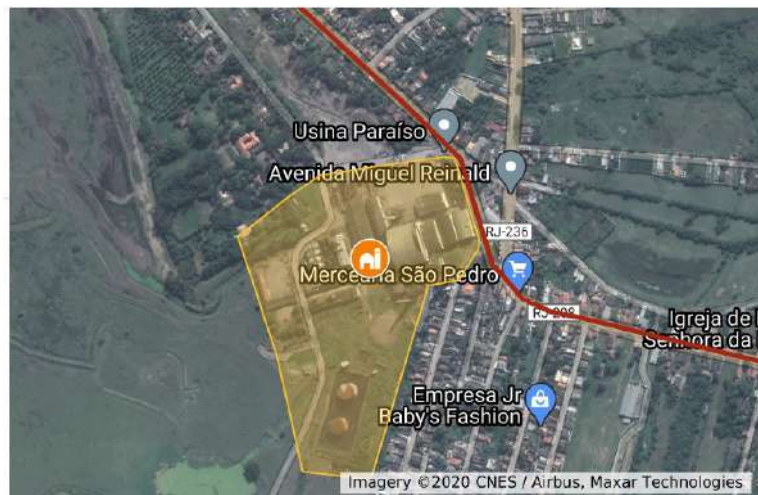
Desativada temporariamente
Parte administrativa em funcionamento

PROTEÇÃO EXISTENTE

Nenhuma

PROPRIETÁRIO

Particular



Legenda

-  Usina Paraíso
-  Usina Paraíso
-  RJ 208



Usina Paraíso. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo Pessoal

Descrição arquitetônica

A visita a essa propriedade se deu de forma externa e o que se tem de informações a respeito das instalações da usina, além da observação in loco, são através de artigos, fotos, e imagens do Google Earth.

A fábrica está inserida no contexto urbano do distrito de Tocos e possui grandes dimensões. Foram observados dois acessos no local: o primeiro pode ser considerado o acesso social, ligado à administração da fábrica. O limite é feito por meio de tela de alambrado. O segundo acesso é o de serviço, controlado por uma guarita. Aí, o limite é feito por meio de dois portões de ferro de altura aproximada de 1,5 m.

O complexo é composto por diversos galpões interligados entre si, além do prédio administrativo. Três deles possuem cobertura em arco, de estrutura metálica. Os outros sete galpões têm suas coberturas com caimento de duas águas.

O prédio administrativo se caracteriza por seu volume retilíneo e janelas em fita, remetendo bastante as características arquitetônicas modernistas. Tem apenas um pavimento e seu sistema construtivo consiste em pilares e vigas de concreto. Os pilares aparentes compõem a fachada, criando volume e ritmo na construção retilínea.

Os portões de serviço, já mencionados, dão acesso a um grande pátio pavimentado. Ali está inserida uma chaminé e logo atrás, o galpão de cobertura arqueada de maiores dimensões. Sua fachada principal é voltada para o interior do pátio. Se caracteriza por criar um ritmo de volume muito semelhante à arquitetura brutalista, vertente do modernismo. Possui oito aberturas vedadas em cobogó, que rasgam boa parte do edifício no sentido vertical. Apesar dessas características, a fachada do galpão é revestida de tijolo maciço, elemento pouco presente na arquitetura modernista e muito usado na industrial. Ainda no mesmo galpão, há um letreiro com as inscrições: “Cia açucareira Paraíso”.

No mesmo pátio, é possível ver uma grande estrutura metálica em forma de pórticos, juntamente com um maquinário, que saem de um galpão, implantado mais atrás.

Ali também há a balança de carga da usina. É uma construção de 1 pavimento e pequena. Sua cobertura de estrutura metálica se prolonga, em balanço, por ambos os lados longitudinais. Bem à frente da balança, há uma pequena gruta dedicada à Nossa Senhora de Lourdes.

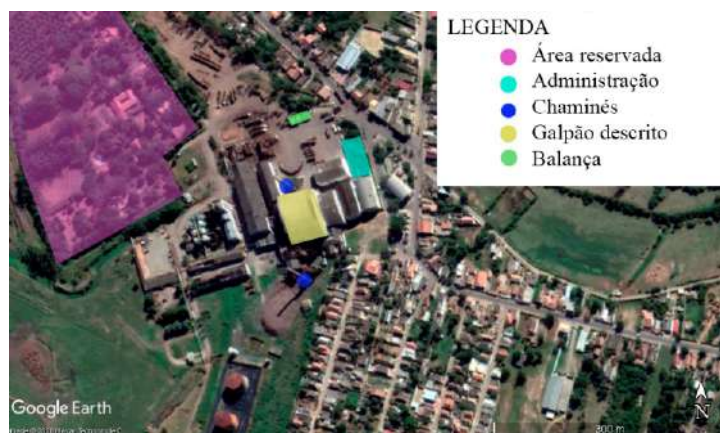
A chaminé localizada no pátio tem formato poligonal, é mais baixa que o usual e está cercada por um canteiro de plantas. Aparentemente é a chaminé do antigo engenho e foi usada na usina apenas como memorial.

Há ainda outra chaminé, aparentemente mais moderna, alta e em formato arredondado, localizada na fachada posterior do mesmo galpão.

Adjunto aos galpões da usina se misturam algumas residências.

O contexto imediato da propriedade é formado por pequenas residências e pelo comércio local.

Segundo Campagnol, “Em área reservada, atrás do conjunto formado pela fábrica, foram edificadas moradias para os proprietários da usina”. Essa área pode ser notada nas imagens do Google Earth, juntamente com o campo de futebol que também pertencia/pertence à propriedade da fábrica.



Implantação

Fonte: Google Earth (Adaptado)

Descrição arquitetônica



Galpões da usina. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo Pessoal



Chaminé e galpão com características brutalistas.
Dez. 2019. Fonte: Arquivo Pessoal



Detalhe do galpão. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo Pessoal



Letreiro com nome da usina.
Dez. 2019. Fonte: Arquivo Pessoal



Balança de carga. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo Pessoal

Descrição arquitetônica



Gruta de N. S. de Lourdes. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo Pessoal



Largo em frente à gruta. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Chaminé posterior. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo pessoal.

Detalhamento do estado de conservação

Parte da instalação da fábrica, embora necessite de bons reparos, não está em fase acelerada de arruinamento.

O prédio da administração aparentemente está em bom estado, sem riscos de desabamento. Os galpões por sua vez, por estarem aparentemente sem uso, apresentam alguns sinais de degradação, uns mais, outros menos.

De modo geral, o que mais se pôde notar foram vidros e cobogós de esquadrias e aberturas quebrados, além das coberturas. O galpão de fachada voltada para o pátio, está sem parte da cobertura, além de algumas aberturas terem cobogós quebrados. Há também vegetação ao redor do prédio. Apesar disso, este não apresenta, aparentemente, patologias graves que o levem à ruína.

A estrutura metálica que sai do galpão mais atrás aparentemente também se conserva.

No entanto, a usina possui outros galpões, mais afastados do ponto de observação visitado, que não foram possíveis de serem avaliados. Nas imagens do Google Earth, porém, nota-se que três destes, incluindo o que abriga o maquinário citado anteriormente, estão com suas coberturas bastante precárias.

O prédio da balança está em bom estado, mas a chaminé posterior apresenta rachaduras graves.

Nas imagens a seguir, apresentamos a evolução da degradação de parte da usina.



Usina em 2004.
Fonte: Google Earth.



Usina em 2010.
Fonte: Google Earth.



Usina em 2015.
Fonte: Google Earth.



Usina em 2019.
Fonte: Google Earth.

Detalhamento do estado de conservação



Vidros e cobogós quebrados. Dez. 2019.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Estrutura metálica aparentemente em bom estado.
Dez. 2019. Fonte: Arquivo Pessoal.

Conforme afirma Mesquita:

[...] antes de se tornar usina, foi um engenho movido a rodas d'água, sob o comando de José Ignácio da Silva Pinto, o 2º Barão de São José. Em 1888, regido pelo decreto nº 10.182 foi concedido ao seu herdeiro, Guilherme José de Miranda e Silva e seu sócio Vicente Pereira Ribeiro, o direito de montar um engenho central. Sendo assim, em 18 de junho de 1889 foi assinado o contrato para sua construção. Em 1900 a Usina foi adquirida pela Sucrerie du Cupim e, em 1907, passou a se chamar, Societé Sucreries Bresilienne. Cabe destacar que este grupo detinha mais uma unidade de produção em Campos (Usina do Cupim) e outras 4 no Estado de São Paulo (Piracicaba, Villa-Raffard, Porto-Feliz e Lorena). (MESQUITA, 2012, p. 81).

Segundo Mesquita (2012) e Campagnol (2008) o distrito de Tocos surgiu em função da usina. A então vila de Tocos, desempenhou o papel de moradia dos trabalhadores da fábrica e também das lavouras de cana. No início da década de 80, apesar de sua infraestrutura se apresentar deficiente frente à demanda da época, os serviços básicos atendiam às necessidades da população (CAMPAGNOL, 2008 *apud* FAPERJ, 1983).

Mesquita afirma também que em 1903 a referida empresa de franceses enviou ao Brasil engenheiro J. Picard, para que se conhecesse suas fábricas. O engenheiro assim descreve a usina Paraíso:

Trata-se de uma usina bastante bela, maior que a de Cupim; guarda certa semelhança com a de Villa-Rafard [Usina Rafard, em Rafard-SP], tendo sido instaladas, em grande parte, por seus construtores. Sua grande moenda é do mesmo modelo, mas não tem segunda moagem. (...). Em resumo, ela é apenas um pouco mais fraca do que a Villa-rafard, mas processaria como facilidade 250 toneladas por dia. A destilaria, com um aparelho Derosne Cail é mais que suficiente para uma fabricação como esta. No ano passado processou 15 mil toneladas de canas, e teria podido fazer quase o dobro. Não duvido que um dia consiga fazê-lo (MESQUITA; 2012 p. 81 *apud* PICARD; 1996: 127).

Campagnol também faz relação entre as duas usinas de Campos que pertenciam à mesma empresa. Segundo ela, nesta mesma época a de Cupim e a de Tocos eram interligadas por meio da estrada de ferro, de 18km de comprimento e o trajeto levava 1h e 15min. Segundo Picard:

Tudo o que falta numa Sociedade encontra-se na outra. Em suma trata-se de duas irmãs siamesas, reunidas pela estrada de ferro. Tocos possuía uma dúzia de vagões de ferro, do gênero Koppel, de construção Belga, capazes de carregar duas toneladas cada. Tocos retirava boa parte da madeira necessária das margens da Lagoa Feia. (CAMPAGNOL, 2008, p. 193 *apud* PICARD, 1996, p.106 e 109).

A autora também cita J. Picard descrevendo as casas da vila de Tocos em 1903:

As habitações dos negros ou dos brasileiros, que constituem a maior parte dos trabalhadores da nada não passam de simples abrigos. (...) Não se encontram, entre as casas, belas habitações, excetuando aquela do diretor de Cupim que é, na verdade, mais uma morada muito ampla do que uma bela casa. A casa do diretor de Tocos chega a ser modesta e até insuficiente no que se diz respeito às suas dimensões. As casas dos administradores das fazendas são bastante razoáveis, assim como duas ou três habitações das principais empregados perto da usina. O resto é formada por casas de trabalhadores, frequentemente reunidas numa única grande construção, às vezes com apenas duas habitações geminadas. Elas são construídas em tijolo com telhas da região para cobertura, compõem-se, como em quase toda parte, de dois cômodos e de uma pequena cozinha do lado de fora. (...) Os abrigos são pequenas construções de madeira bruta e barro; os trabalhadores os constroem frequentemente eles mesmos, e os recobrem de palha; as portas e as janelas lhes são fornecidas. É por isso que se os estima um preço baixo (...) (CAMPAGNOL, 2008, p. 193 *apud* PICARD, 1996, p.99).

Segundo Campagnol, esta foi a primeira usina a produzir também o álcool na região, em 1913.



Imagem histórica s/d.

Fonte: <http://sapiantias.blogspot.com/2009/05/usina-paraiso-de-engenho-usina.html>



Moeda comemorativa da usina.

Fonte: <http://sapiantias.blogspot.com/2009/05/usina-paraiso-de-engenho-usina.html>

Referências

MESQUITA, Zandor Gomes . O Patrimônio Industrial como elemento constituinte da paisagem campista. In: XI Mostra de Pós-Graduação da UENF, 2012, Campos dos Goytacazes. XI Mostra de Pós-Graduação da UENF, 2012. Disponível em: <http://uenf.br/posgraduacao/politicas-sociais/wp-content/uploads/sites/11/2015/06/ZANDOR-GOMES-MESQUITA.pdf>. Acesso: Março de 2020.

CAMPAGNOL, Gabriela. **Usinas de açúcar: habitação e patrimônio industrial**. 2008. Tese (Doutorado) - Escola de Engenharia de São Carlos - USP, São Paulo. 2008. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-06022009-151443/publico/tese_gabriela_campagnol.pdf>. Acesso: Nov. 2020.